

REPOUSE EM PAZ

Enriqueci com a venda dos Títulos Providência. Aos trinta e cinco anos, milionário, no perfeito gozo de minha saúde, rodeado de mulheres, decidi fazer alguma coisa por meu pobre amigo Bruno, o professor de Filosofia, o morador do Beco da Boiada.

Mandei chamá-lo. Veio ao meu escritório. Ali estava ele, um homem pequeno e feio, afundado na poltrona; cabelos ralos, barba vermelha, maltratada, camisa desbotada, calças rasgadas, sandálias empoeiradas. Figura deprimente — tão deprimente que só de olhá-lo eu desanimava. Mas, animado por meus propósitos de bom samaritano, fui em frente.

— Bruno, estou rico. Não: Bruno, estou muito rico. Bruno, fiquei milionário com os Títulos Providência...

Não me escutava. Olhava distraído pela janela. Olhava o rio, o rebocador que avançava lentamente. Irritei-me:

— Bruno!

Estremeceu, olhou-me assustado.

— Bruno! — gritei. — Bruno, estou rico!

Bruno, enriqueci com os Títulos Providência! Bruno, enriqueci com aquela vigarice! Bruno, só não estou na cadeia porque os compradores são tão vigaristas quanto eu! Bruno, me ouve!

Ele me fitava, absolutamente perplexo com aquela confissão.

— Bruno — continuei, mais calmo. — Bruno, me dá remorsos ter ganho tanto dinheiro sem merecer... Bruno, meu amigo, resolvi fazer alguma coisa por ti. Vou te presentear com um bom apartamento, um apartamento decente... Vais poder sair daquela maloca. E, Bruno, vou te dar uma boa mesada... Durante um ano.

Foi o que eu disse, a voz já embargada. Bruno olhava o rio de novo. Parecia ter me esquecido. Olhava o rio e brincava com uma grande, velha chave — a chave da casa dele. Levantei-me e arrebatei-a rapidamente.

— Pronto. Agora, nem que queiras poderás voltar para o teu pardieiro.

Voltei à mesa, liguei para a secretária:

— O apartamento do meu amigo Bruno está pronto?

— Sim, senhor — foi a seca resposta. Era uma mulher desagradável, mas eficiente, a secretária.

— Então leve-o lá, faz favor.

Entrou a secretária e conduziu o Bruno

para fora da sala. Ele deixou-se levar, como um autômato.

Naquela noite eu vagava de automóvel pela cidade. Meu chofer — chofer, mas eu lhe permitia certas intimidades — preocupava-se:

— O senhor não vai à casa da Adelaide?

Eu me sentia estranho. Inquieto. Por causa do Bruno. Maldito Bruno, continuava a me inspirar culpa. Mas eu não podia me deixar vencer por aquele absurdo sentimento. Não eu, um vencedor. Ordenei ao chofer que seguisse para a casa de Adelaide.

Desci, toquei a campainha. Abriu-me a porta. Esplêndida mulher! Uma loira de quase dois metros de altura, vestia uma excitante camisola preta. Estendeu-me os braços — mas eu, inquieto, empurrei-a.

— Que foi, bem? — estava consternada. — Fiz alguma coisa, bem?

— Te veste — ordenei.

— Mas... — Arregalou aqueles belos, sonsos olhos azuis. — Não fomos jantar aqui, bem? Encomendei comida japonesa...

— Esquece. E te veste. Vais comigo.

Amedrontada, vestiu-se às pressas. Saímos, ela soluçando sem parar.

— Fica quieta, pô!

A custo conteve-se. E ali ficamos, em silêncio, o carro rodando sob a chuva. Eu me

sentia mal. Deus, como me sentia mal. Uma ânsia, uma náusea... Suava sem parar. O chofer me olhava pelo espelho retrovisor, apreensivo. Querendo agradar o patrão, colocou um CD. Música suave.

— Desliga essa coisa! — berrei, fazendo Adelaide saltar de susto. O chofer obedeceu e continuou a dirigir num ressentido silêncio. Arrependi-me: não devia ter feito aquilo. Mas a verdade é que eu estava mal. A visita do Bruno me deixara mal. Por quê?

No bolso da calça, um objeto duro me machucava a coxa. Tirei-o: era a chave da casa de Bruno.

— Vamos para o Beco da Boiada — eu disse, a voz embargada, esquisita.

Ficava longe. Quando chegamos lá, passava de meia-noite. A chuva tinha cessado, mas nuvens ameaçadoras ainda toldavam o céu. Desci, mandei Adelaide descer também. A casa de Bruno: velha, meio destruída, rodeada de mato. Chapinhando no barro, avancei para a porta. Adelaide me seguia, choramingando. Meti a chave na fechadura; a porta se abriu, rangendo. O cheiro peculiar de Bruno — mofo, coisa velha — me invadiu as narinas.

Procurei um comutador. Não havia. Risquei um fósforo, avistei uma mesa e, sobre ela, um toco de vela. Acendi-o.

— Estou com medo — gemeu Adelaide.

— Cala a boca.

Olhei ao redor, livros por toda parte, empilhados em prateleiras, no chão, sobre a mesa. Nas paredes, reproduções de quadros. Uma velha máquina de escrever.

Entrei no quarto.

Ali estava — o caixão.

Então era verdade. Tinham me dito que o Bruno ultimamente dormia num caixão de defunto. Eu não acreditara. Mas ali estava, à minha frente, o severo caixão, sem um adorno, apoiado em pilhas de tijolos.

Deixei-me cair numa cadeira.

Bruno dormia num caixão. Eu tinha pavor de caixões, de cemitérios; mas Bruno dormia num caixão. Eu tinha ficado milionário; mas Bruno dormia num caixão. Eu corria ao médico por qualquer dorzinha. Bruno dormia num caixão.

Entrou Adelaide.

— Um caixão! — riu. — Que gozado! Um caixão de defunto.

Dei-lhe uma bofetada. Desabou, ficou ajoelhada, chorando.

Aproximei-me do caixão. O medo que eu tinha! Por Deus, o medo que eu tinha! Mas vencia o medo, e me aproximava. O que mais

encontraria ali? E se fossem ossos? E se fossem cabelos, unhas?

Nada. Nada, além do forro de cetim azulado, lustroso à luz trêmula da vela.

— Vamos embora — suplicou Adelaide, e eu queria ir, mas não podia: tinha de me aproximar do caixão, tinha de tocá-lo.

Toquei-o. Minha vista se turvou. Eu ia desmaiar...

Não desmaiei. Avistei o rasgão.

Um rasgão no forro do caixão. Estendi os dedos trêmulos, toquei aquele rasgão, explorei aquela ferida viva.

Havia um papel ali. Puxei-o para fora. Abri-o, à luz da vela, examinei-o, sempre à luz de vela, e era — à luz de vela e à de qualquer outra — um Título Providência!

Ri. Como eu ria! Rindo, tomei Adelaide nos braços, rindo dancei com ela uma valsa, rindo empurrei-a para o caixão. Os pés soavam! Eu ria! Saltei sobre ela, beijei-a com fúria! A vela se apagou.

Tive poucos momentos de inspiração na vida. Um foi quando bolei os Títulos Providência. O outro foi aquele, no caixão do Bruno.

IN: SCLIPAR, Meacyn. "Pai e filho, filho e pai e entretanto centos esculpidos". Porto Alegre

20 jul. 1910, 20:10, pag. 15-20